

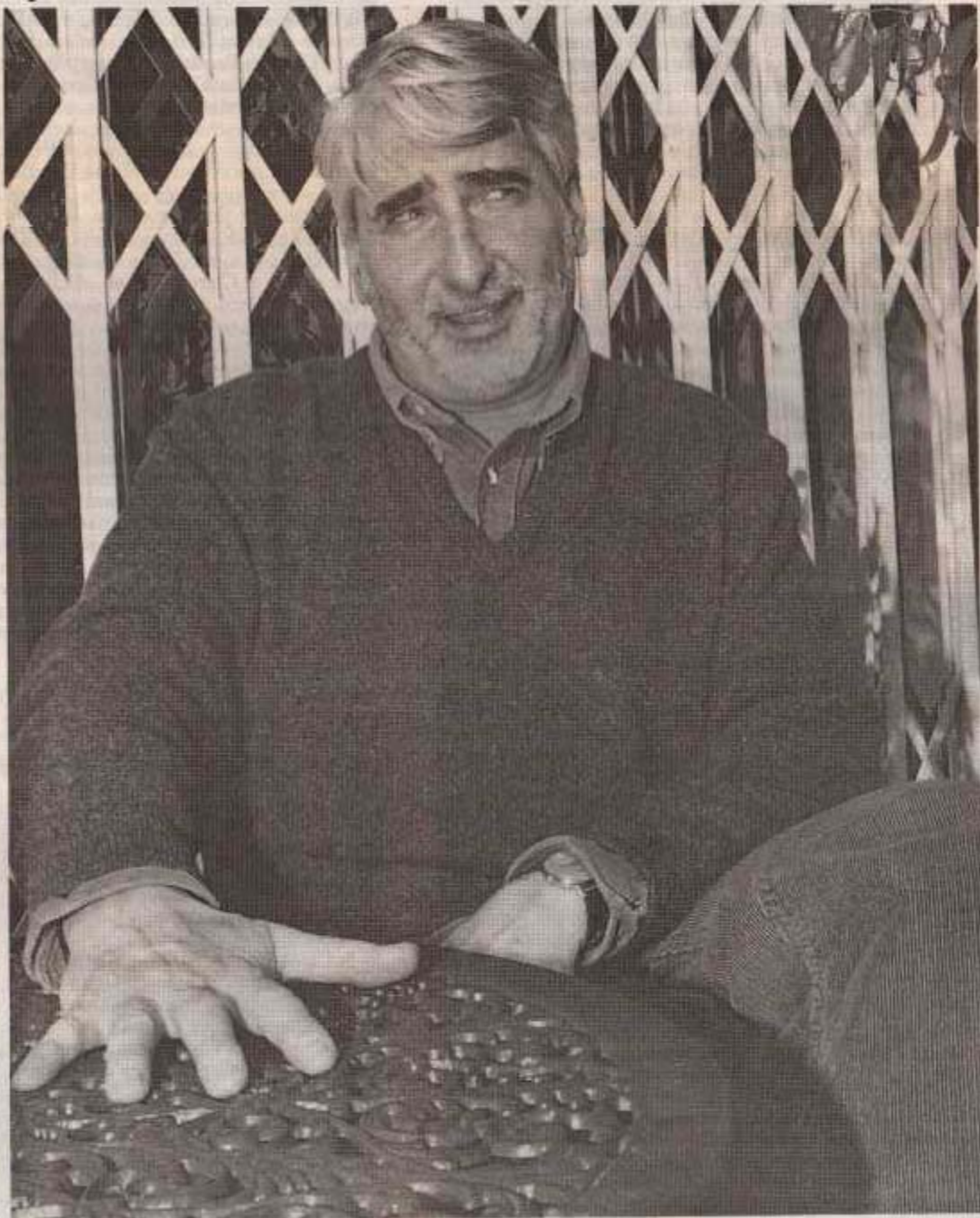
«Vivemos um sonho que se tornou impossível»

# Poeta na Revolução

*Não é daquelas ilustres figuras de verbo espampanante, que a televisão persegue com fardo de perdigueiro e a rádio morre de amores a ponto de todos os dias o encalhar nas «playlists».*

**Luís Cília** limita-se a fazer música. De excelente apurmo.

Hoje com 52 anos, repartidos entre Nova Lisboa (Huambo), Luanda, Lisboa e Paris, onde viveu a rigor de anarca as atribulações do Maio de 68 e começou a vida de músico profissional, o homem tornou-se um compositor libertino, sem espartilho de ideologias que lhe aperte o gasganete. Antes de chegar ao minimalismo musical, às composições para cinema, teatro e dança, **Cília** foi rockeiro, cantor de luta e colega de estrada dos virtuosos **Paco Ibañez** e **Georges Brassens**. O seu primeiro disco, «Chants de Lutte», editado em França, proibido em Portugal, abordou em 1964 o tema colonial e chocalhou muitas almas puritanas. Não a propósito do lançamento recente de «Bailados», colectânea de composições para coreografias da fina-flor dos palcos europeus, completada por uma recriação de um tema célebre de **Henry Purcell**, fomos a sua casa fazer uma perninha de bate-papo. No sumário da conversa inscreve-se Abril, o PCP, Fidel e a ilha, **Daniel Filipe** e outros príncipes da poesia portuguesa, a par de umas elocubrações da teoria do cavaquismo aplicada à viola



«O «Avante, Camarada!» não nasceu para ser hino de coisa nenhuma»

Tiago Salazar (texto) Rogério Sarzedo (fotos)

**O DIABO** — Como é que se passa de rockeiro puro-sangue para compositor minimalista?

**Luís Cília** — Comecei a cantar rock em 1960, **Elvis** e outras criações próprias. Estava nessa altura no Colégio São João de Deus (lembro-me que o **João Braga** também lá andava, embora nunca nos tivéssemos encontrado). Mais tarde, o poeta **Daniel Filipe** mostrou-me uns discos do **Brassens** e do **Ferré** e leve-me a entrar num mundo diferente. Musicar poesia é o passo seguinte. Funciona como uma evolução natural da espécie. Por outro lado, correspondeu a uma certa politização musical.

**O DIABO** — E a faceta de criador de hinos, onde é que se enquadra no meio da evolução natural da espécie?

**L.C.** — Fiz o hino da Casa dos Estudantes do Império, o **C.E.I. Twist**, que era um gozo pegado, no tempo das famosas farras de Lisboa, ao princípio da década de 60.

**O DIABO** — Reza a história que compôs o «Avante, Camarada!» sem a finalidade de ele vir a ser hino do PC. No entanto, a turma da Soeiro, depois do 25 de Abril, deu o devido valor à canção e promoveu-a a estandarte do partido. Reagiu calmamente, honrado pela distinção, ou enfureceu-se pela aglutinação partidária em nome do povo?

**L.C.** — Nos finais de 1967 ou 1968, o funcionário do PC em Paris era o «camarada **Jacques**», o **Carlos Antunes** (futuro dirigente do PRP), e pediu-me uma canção para passar na rádio clandestina. Daí nasceu o **Avante, Camarada!**, que não nasceu para ser hino de coisa nenhuma. Foi uma canção que eu fiz para passar na rádio e nunca mais pensei nela. Só após o 25 de Abril é que tomei consciência de que era hino do partido e não me enfureci nem fiquei orgulhoso. Deixei-me andar.

**O DIABO** — Mas não se deixou andar ao ritmo salazarista e raspou-se para Paris. Foi a solução emigratória aventureira ou desesperada?

**L.C.** — Saí em 1964. Desde que tomei conhecimento de uma situação política com a qual não pactuava, e, entretanto, estoirava a guerra colonial, tomei a decisão que não havia de fazê-la. Assim que fiz 21 anos, a opção lógica, semiaventureira e desesperada, foi abandonar Portugal.

**O DIABO** — Deve muito da sua iniciação política ao **Daniel Filipe**, foi ele quem o aliciou a partir para Paris?

**L.C.** — Não. Ele morreu um mês depois de eu chegar a Paris sem ter tido influência na minha decisão. Era um personagem maravilhoso, amigo e inspirador.

**O DIABO** — Mas no seu repertório falta a «Invenção Amor»...

**L.C.** — É um poema lindíssimo. Sempre actual, mas nunca me senti com capacidade de musicar esse poema. Não tem por isso a característica de não desejado.

**O DIABO** — Voltando aos seus 20 anos. Sentia-se um jovem condenado ao ostracismo no feudo salazarista?

**L.C.** — Havia um certo mau estar de viver em Portugal. Mesmo antes de ter consciência política dos factos, sempre fui um tipo desadaptado às circunstâncias do regime. Nasci em Angola, quando vim para cá, aos 15 anos, supunha-se que fosse estudar Económicas, mas como não me sentia vocacionado (do curso recordo-me da equipa de futebol e basquetebol na qual participei empenhadamente, mas nos estudos pouco)...

**O DIABO** — No que é que um jovem do Estado Novo pensava aos 20 anos, qual era o seu futuro previsível?

**L.C.** — Em relação ao panorama da geração de hoje, vivíamos mais facilmente. Não vou

(Continua na pág. VIII)



# Concílio com Cília

(Continuação da pág. VII)

dizer como alguns espanhóis que afirmavam viver melhor contra o Franco. O problema menor naquela altura é que não havia a preocupação económica que há hoje. Um jovem estudante tem graves preocupações de futuro emprego, de colocação na faculdade. Nesse aspecto, vivia-se de uma forma mais despreocupada. Absorvia-se o imediato sem pensar no futuro.

**O DIABO** — Escolheu a música por uma questão de sobrevivência intelectual?

**L.C.** — Sempre gostei da música. Cantava rock e acabei por me dedicar, graças às influências do Daniel Filipe, a musicar poesia. Devido ao tipo de educação que tive, musicuei poesia comprometida.

**O DIABO** — Chegou a Paris a 1 de Abril de 1964... Julgou que o que estava a viver era uma grande mentira, o acordar de um pesadelo tipo-torpedo?

**L.C.** — Cheguei bastante cansado. Apanhei boleia de um médico desertor e da sua mulher, num Fiat 500, sendo o cansaço era mais que muito. Era de madrugada quando entramos na cidade. Fiquei temporariamente num hotel onde habitava um cunhado meu, há uns meses. Sentia-me tonto e receoso. Não sabia o que me esperava.

## Raízes angolanas

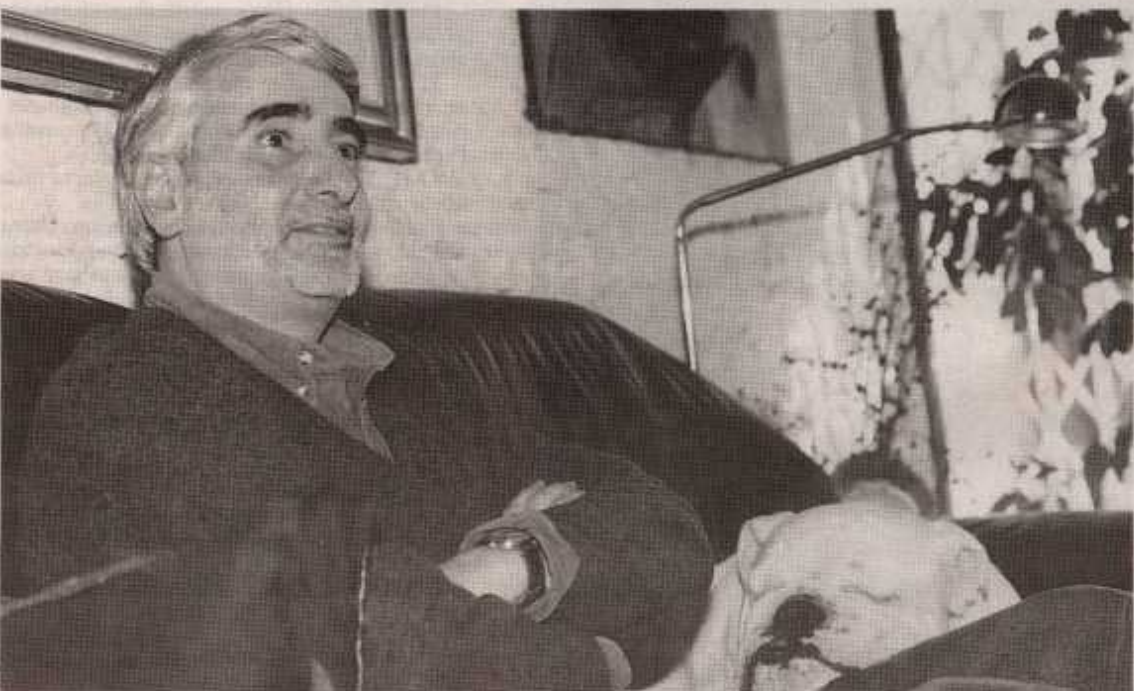
**O DIABO** — Mesmo exilado, nunca perdeu as suas raízes angolanas. Angola funciona como porto de abrigo da saudade?

**L.C.** — Eu serei toda a vida do tipo eterno desadaptado. Vivi 15 anos em Angola, depois 5 anos aqui, 10 anos em França e agora estou cá desde 75. Sou daqueles tipos que está exilado em todo o lado. Quando estão num sítio, querem ir para outro, e assim por diante. Mas estive em Angola há 10 anos, e de facto devo confessar uma grande desilusão face ao estado de desastre total em que se encontra o país.

**O DIABO** — De que tipo era a sua relação com outros refugiados africanos, o Amílcar Cabral e o Marcelino dos Santos, por exemplo?

**L.C.** — Conheci-os em Paris de fugida. Uma semana depois de chegar fui ter com o embaixador do MPLA, o velho patriarca Câmara Pires, já falecido, e alguns dias depois assisti a uma conferência dirigida pelo Amílcar Cabral, na sede do MPLA. Falámos no final, uma conversa breve mas marcante. O Marcelino dos Santos é outro conhecimento transitório que pertence aos muitos efectuados naquela estada prolongada.

**O DIABO** — O Amílcar deu um bom fadista da independência?



«Não vou dizer como alguns espanhóis que afirmavam viver melhor contra o Franco...»



Rui Mingas (foto)

**L.C.** — Foi um indivíduo de grande inteligência cuja música fez muita falta aos africanos e ao mundo. Era dos poucos dirigentes que tinha a noção política do que devia ser África. Tem-se visto que o desastre africano se deve à impreparação política da maior parte dos seus dirigentes.

**O DIABO** — E o Rui Mingas, ouvi dizer que lhe tirava os acordes das canções para que o Luís pudesse tocar. Explique lá essa iniciação à viola.

**L.C.** — Conheci o Rui Mingas no liceu em Luanda. Depois continuámos a amizade nas festas da Casa dos Estudantes do Império. Era um excelente músico que me suplantava, mas quem me ensinou a tocar viola foi um arquitecto hoje muito conhecido, o Troufa Real. O Mingas, quando o Daniel Filipe me emprestou os primeiros discos do Brassens, tirou os acordes das canções.

**O DIABO** — Em Paris, tocava para imigrantes, não se sentia na pele de um Nicolas Guillen, menino poeta e mais músico?

**L.C.** — No fundo, o facto de me ter ligado mais à comunidade portuguesa, e de ter seguido mais essa via lusitana, é obra do acaso. Comecei a ser solicitado por associações de imigrantes para cantar, e assim subi aos palcos. Vivía sobretudo dos recitais para franceses. E nas horas vagas convivia muito com o Paco Ibañez, o George Brassens (meu padrinho na sociedade de autores em França), o Mustaky...

**O DIABO** — Paris é uma cidade-luz ou a contraluz?

**L.C.** — Para mim foi uma cidade-luz. Eu não sou dos que choram o duro exílio em Paris. Foi uma experiência de vida fantástica.

«Em relação à geração de hoje, vivemos mais facilmente»

\*

«Sou daqueles tipos que estão exilados em todo o lado»

\*

«O povo cubano vive hoje um problema dantesco»

\*

«Manuel Monteiro dava para os anúncios da MultiOpticas»

## Cubanidade

**O DIABO** — A sua ida a Cuba, em 1967, deveu-se a que tipo de contrato revolucionário?

**L.C.** — Fui convidado para participar no Festival da Canção de protesto, onde nasceu o movimento da Nova Truêba cubana. Tive um mês inesquecível. Foi o primeiro encontro de cantores de combate que se fez, penso eu. O Daniel Viglietti, os irmãos Parra, o Silvio Rodríguez, o Pablo Milanés, Jean Ferrat, Raimon, Carlos Puebla, a Peggy Seeger, irmã do Pete Seeger, a Giovanna Marini — estiveram cerca de 80 cantores de todo o mundo, durante o mês inteiro. Ao mesmo tempo, havia o Congresso dos Intelectuais, onde estava o Peter Weiss, a Lourdes Castro com o René Bertholo. E também decorreu nessa altura um Congresso Latino-Americano de Solidariedade. Aquilo era completamente surrealista: eu cruzava-me com o Douglas Bravo, que era o chefe guerrilheiro da Venezuela, o Carmichael, chefe dos Panteras Negras, um acontecimento como jamais viverei outro igual.

**O DIABO** — Nessa época, Fidel era visto como o Messias da doutrina marxista-leninista de inspiração verde-ervilha?

**L.C.** — Hoje folcloriza-se muito o papel de Fidel. O mal está em situar factos passados há 20 ou 30 anos com o olhar da actualidade. Naquela altura, Cuba representava uma grande esperança em relação aos países comunistas. Sem quere-rem, e devido ao embargo americano, os cubanos foram obrigados a voltar-se para a União Soviética. O que vi em Cuba em 67 foi um grande entusiasmo da população a participar num processo que depois, por razões que os transcendem, nomeadamente um boicote económico terrível, tomou outro rumo.

**O DIABO** — Tocou com o Carlos Puebla deu-lhe novas tendências melódicas, tornou-o mais afro-cubano nos acordes?

**L.C.** — Nunca me deixei seduzir em termos de interpretação pela música cubana, embora a ache maravilhosa. A única coisa que fiz ligado ao Puebla foi a edição de um disco seu em Paris.

**O DIABO** — Qual era o espírito da população cubana no ano VIII da Revolução?

**L.C.** — De entusiasmo e segurança. Via os dirigentes na rua a passearem tranquilamente. Como diria Hemingway se fosse vivo «Cuba era uma festa». Encontrei esse mesmo espírito no Maio de 68 em Paris. Hoje critica-se muita coisa, eu também talvez critique, mas em 1967 viveu-se um movimento enaltecido...

Creio que em 1967 vivi um mês no meio de um povo em revolução. Não vou comparar com a desilusão que tive em Angola, no final dos anos 70. Tenho a impressão que nos une, aos que vivemos



«Conheci o Rui Mingas no liceu, em Luanda. Quanto ao Amílcar Cabral, a sua música faz falta. Tem-se visto que o desastre político africano se deve à impreparação dos seus dirigentes»

aquela experiência, uma grande amizade apesar de todas as contingências. Na altura, eu estava ligado ao PCP, o Daniel Viglietti era tupamaro. A malta nova é capaz de não perceber, mas, naquela altura, a guerrilha, todos aqueles tipos, era um mito para a nossa geração.

**O DIABO** — A fuga dos «balseros», o desespero provocado pelo embargo interminável e o ódio dos americanos por Fidel dariam um bom argumento pós-modernista para o capítulo do «Inferno», na «Divina Comédia» de Dante?

**L.C.** — Creio que o povo cubano vive um problema realmente dantesco. Onde não há pão... ninguém pode impor ideias, por mais generosas que sejam. Os cubanos chegaram a um ponto de asfixia total.

## Cânticos de luta

**O DIABO** — «Flash-back». A feitura do disco para a Chant du Monde, «Chant de Lutte Portugal-Angola», em Paris, mudou-lhe o rumo da vida?

**L.C.** — Nem por isso. Tem um lado anedótico, foi a Colette Magny que me apresentou a Chant du Monde e eu pensava que ia fazer um disco pequeno, de 4 canções, mas 15 dias antes disseram-me que era um LP. Tive de fazer 16 canções de afogadilho. Foi um disco marcante que deu a conhecer poemas que abanaram muitas consciências, em que pela primeira vez se abordou o tema da guerra colonial. Nessa altura, as melodias surgiam facilmente. No dia em que o Manuel Alegre chegou a Paris clandestinamente, conhecemo-nos num café — no Select Latin —, começámos a falar e fomos para o meu quarto. Ele recitava-me poemas e eu musicava-os à viola. São as canções que ficaram como o Venho dizer-vos que não tenho

«Foi o Carlos Antunes, o "camarada Jacques" do PC, em Paris, que me encomendou o "Avante, Camarada!"»



medo e o Quando desembarcamos no Rossio. Isto revela uma inconsciência... Na véspera de gravar fiz a canção Sou barco, com um poema do António Borges Coelho, escrito quando estava preso no Forte de Peniche. Eu fazia canções assim, saíam-me as coisas. Tenho um carinho especial por esse disco. Está mal cantado, mal tocado, mas de facto é um disco que as pessoas conheciam e que se vendia. Antes ninguém me conhecia, andava nas festas de emigrantes, não fazia vida de músico profissionalmente. Numa festa de Champigny apareceu o Paco Ibañez, que me ouviu e gostou. Ele tinha feito o primeiro disco maravilhoso dedicado ao Llorca... dois dias depois, apareceu na UNEF, a União Nacional dos Estudantes de França, onde eu trabalhava, e a partir daí ficámos grandes amigos.

**O DIABO** — Entrou no lote dos compositores revolucionários?

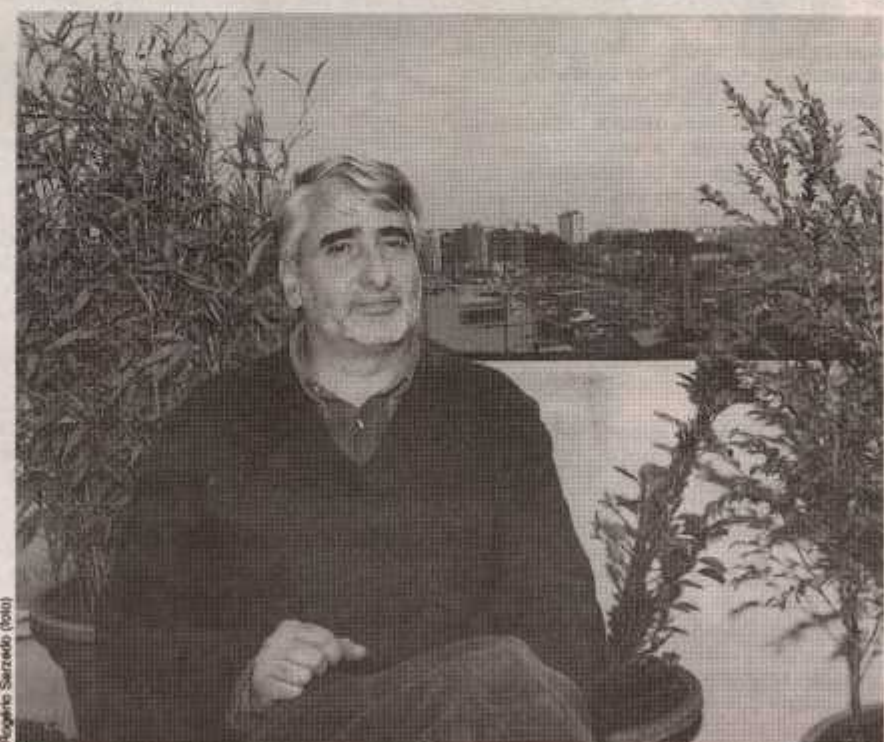
**L.C.** — De corpo e alma, na altura.

## A Sétima Arte

**O DIABO** — Já que falamos no Paco Ibañez, foi ele que o levou a entrar no cinema, a dar assistência e a fazer a música do «salto» de Christian de Chalonge. Seja capaz de repetir a experiência num revivalismo do «Aniki-bobó», do Manoel de Oliveira?

**L.C.** — O trabalho com o Manoel de Oliveira seria estimulante. É um realizador que admiro muito. Iria só para aprender. Compor a música seria uma grande honra.

**O DIABO** — Há pouco referiu o Georges Brassens, conte lá das suas influências, foram do tipo elixir da juventude, com pitadas de simplicidade e molhinho de profundidade?



Rui Mingas (foto)

**L.C.** — O Brassens não teve influências só em mim. Até o Leonard Cohen assume essas influências. O meu caso está associado a um episódio com o Paco. Iamos para trás do palco, nos espetáculos do Brassens, ouvir embevecidos aquele personagem. Aquela simplicidade e ao mesmo tempo aquela profundidade... reflectem-se em mim musicalmente e no espírito das coisas. Uma certa irreverência, mentalidade anárquica.

**O DIABO** — Voltando à teoria da música, o Luís confessa que à medida que aprendia em teoria perdia em espontaneidade. É o fosso de qualquer grande músico?

**L.C.** — Não sei se posso utilizar aqui a frase do Herman José, a «juventude é inconciente», mas, no início, confesso que havia uma certa irreverência nos acordes, era o que saísse, desde que fosse espontâneo. A medida que fui estudando composição perdi essa faceta.

## Politiques

**O DIABO** — Qual é o balanço que faz destes 20 anos de democracia?

**L.C.** — Eu não pude deixar de viver intensamente aqueles primeiros anos do PREC, apesar dos erros... vivemos um sonho que se tornou impossível e utópico.

**O DIABO** — Continua então leal ao comunismo?

**L.C.** — Pelas circunstâncias do mundo, tal lealdade não é viável.

**O DIABO** — E o balanço dos 10 anos de cavaquismo.

**L.C.** — Se não fosse insultar o cinzento, diria que a tonalidade é cada vez mais esma.

**O DIABO** — Dariam um bom documentário sobre a vida dos babuínos do zoológico?

**L.C.** — Eu gosto mais dos babuínos, ainda assim.

**O DIABO** — Seguiu a opereta no Coliseu?

**L.C.** — Vi alguns excertos. Era um bocadinho longa

«Estive em Cuba em 1967, mas hoje folcloriza-se muito a posição de Fidel...»

e o argumento maçado. Acho estranho que as pessoas digam que os filmes do Oliveira sejam longas e tenham suportado esta telenovela.

**O DIABO** — Nogueira foi o melhor tenor ou ganhou pela fidelidade ao «Grande Chefe»?

**L.C.** — Ganhou o flácido no domingo.

**O DIABO** — Barroso representava a inovação, o dandysmo sulista ou a tradição maoísta cantada em «Allegro»?

**L.C.** — Não sei se o País mesmo com Barroso, não já de mau a piou.

**O DIABO** — Guterres terá força de garimpeiro na terra das laranjas amargas?

**L.C.** — Neste momento é uma incógnita. Espero que não dê em cinzento também.

**O DIABO** — Monteiro é uma opção populista de portas abertas ou um independente mal disfardado?

**L.C.** — Dava sobretudo para anúncios da MultiOpticas.

**O DIABO** — Você, que já navegou na barca comunista, acha que sem Cunhal o PC encaixará nos Prazeres?

**L.C.** — Já tem o jaziço aberto.

**O DIABO** — Um homem que cruzou os mares do colonialismo, do exílio, do cântico de luta, do universalismo comunista, dos suores frios dos palcos, que premonição faz da sua vida futura?

**L.C.** — Espero, como dizia o Daniel Filipe, não ter nunca que me isolar no meu próprio país. ■

«O Manuel Alegre recitava-me poemas e eu musicava-os à viola...»